Semiótica engajada:
"Entrevidas", nas práticas do vão livre do MASP

Ana Claudia de Oliveira
(PUC:SP-Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica|CPS)

Entrevidas nas entre vidas do MASP

Entrevidas é o título dado por Anna Maria Maiolino a uma de suas muitas séries de obras temáticas em variadas matérias e materiais, que indica um estar entre uma e outras vidas. Dessa série, a performance *Ka*, de 1981, reatualizada várias vezes, recebeu o convite do diretor Adriano Pedrosa para ser a ocorrência-obra da reinauguração do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP), nos dias 27, 28 e 29 de março de 2025.

Considerando que com essa reforma a instituição vive no entre vidas de sua existência de 1968 a 2025 para o que vamos acompanhar nos anos vindouros, objetivamos interpretar semioticamente a estrutura dinâmica da performance indagando como ela põe em ato os sentidos social, político e existencial do Masp.

A performance *Ka* foi primeiramente realizada em um espaço retangular demarcado em uma rua de paralelepípedos do bairro Laranjeiras, no Rio de Janeiro, no período conturbado da ditadura militar. Na via pública, entorno do grande paralelepípedo pessoas da localidade e da cena artística carioca acompanhavam a performer na travessia do demarcado espaço de piso escuro e irregular sobre o qual muitas centenas de ovos foram posicionados. Em contraste cromático com a escuridão do solo, a alvura dos ovos brancos se destaca e expõe a imprevisibilidade de suas alocações. Para se mover nesse labirinto é exigido da performer uma máxima cautela e um estado de concentração para descobrir entre os ovos-vidas o seu passo a passo.

Quarenta e quatro anos depois da realização da Performance *Ka* ela foi escolhida para marcar a reinauguração do Museu de Arte Moderna de São Paulo que teve a horizontalidade do emblemático prédio, hoje denominado Lina Bo Bardi, interligada à verticalidade do novo prédio-museu, o Pietro Maria Bardi. Interligados pelo subterrâneo, o Masp expandiu e da horizontalidade se lança aos céus na verticalidade de seus novos 14 andares.

Na estrutura do vão livre, com o qual a ítalo-brasileira Lina Bo Bardi inovou a arquitetura brasileira projetando-a mundialmente com o uso técnico da sustentação dos dois andares por pórticos que fazem a formação do espaço de 74 m de comprimento e 8 metros de altura, um outro foi delineado. Esse tem uma de suas laterais maiores a partir de poucos metros da parte frontal da avenida Paulista justamente na rota de entrada das pessoas que, da rua, subindo os degraus, encontram-se no espaço aberto à cidade, hoje, a única praça pública sem grades de São Paulo. À esquerda, a outra lateral sai em paralelo aos pórticos e, do segundo pórtico, parte a lateral maior que vai ter seu final a poucos metros das bilheterias, que são separadas no vão por uma estrutura de acrílico. É nesse retângulo do retângulo, que justamente ocupa a largura do prédio superior do museu, como se fosse a sua cobertura das intempéries, que uma outra artista ítalo-brasileira, Anna Maria Maiolino, demarcou para o espaço de sua performance *Ka*.

Figura 1: Em uma parte do vão do MASP, a demarcação retangular para a performance *Ka* ter lugar.
Figura 2: No retângulo da largura do espaço suspenso do edifício do MASP, hoje o prédio Lina Bo Bardi, as pessoas começam a circundá-lo e traçam com o posicionar de seus corpos as linhas fronteiriças do espaço no qual são alocadas aleatoriamente centenas de dúzias de ovos.





Fontes: Figura 1: Tripadvisor. Figura 2: Superbacana+

Sobre o piso escuro e irregular dos paralelepípedos, o branco dos ovos se destaca como pontos luminosos numa distribuição marcada pela imprevisibilidade de suas alocações assimétricas em formato de uma teia de conexões. A rota para atravessar esse campo de ovos-vidas, ou de outras vidas espalhadas, cabe ao performer actante descobri-la no seu passo a passo que tem o seu limite no contorno que a linha de pessoas traça como as suas quatro laterais. A circulação por entre eles é marcada por passadas que exigem muitos cuidados para proteger os ovos-vidas que o sujeito que caminha por desviações é levado a cada entroncamento a mudar de direção para poder não os esmagar. A luz do branco dos ovos assinala então tanto a vida guardada na forma ovoide quanto o estado de alerta que é preciso manter na travessia. Os cuidados enfatizados mostram que o perigo está à espreita, que se corre riscos e, um passo em falso na tomada de direção é o sujeito caminhante mesmo que se torna agressor e exterminador de vidas.

Em cena no retângulo do vão do Masp o que Eric Landowski nos chama atenção em seu atual quarto volume de ensaios sociossemióticos intitulado: *Au risque de sens.* Nos quatro lados do retângulo, há pessoas postadas que foram ao Masp para assistir a performance, mas há também aquelas que não sabiam dessa ocorrência e, ao acaso, a encontraram no seu passeio pela avenida, ao observar a movimentação de pessoas que por curiosidade, as levaram a se aproximar para ver o que ocorria e aí estão elas fazendo parte do público. Como em cada performance é o corpo do artista *au risque de sens, correndo o risco do sentido,* que está em ação na cena do mundo que se desenrola na imediaticidade de um corpo em presença de outros corpos mais ou menos próximos. É como plateia testemunha da ação performática, que essas pessoas passam a integrá-la na imediatidade de uma interação em co-presença. Trata-se, pois, na Performance *Ka* de se estar frente a frente, corpo a corpo na experiência do campo minado pelos sentidos da atualidade.

O clamor da performance *Ka*

Anna Maria Maolino com a bengala na mão direita é guiada pela mão esquerda ao efetuar a sua entrada pela lateral a partir das bilheterias. Ela passa pela linha de pessoas que a circundam e caminha até o ponto dessa ser cruzada em ângulo reto pela lateral menor que sai do segundo pórtico. A artista performer chama a atenção dos presentes que com olhos fixos nela acompanham os seus passos desviatórios na travessia lenta. Uma lateral de uma rua de um quarteirão e, ao dobrar a esquina, ela é guiada por um jovem que lhe dá a mão e com ela adentra em oblíqua poucos metros. Daí, ela vai continuar sozinha. A bengala na mão direita e o braço esquerdo erguido, em busca do equilíbrio corporal, Maiolino para e olha para a frente da diagonal, e, em alta voz, profere: "*vidas", "sementes", "planeta terra", "natureza"*. Reinicia a dar as passadas e retorna do interior do vão para a lateral com muito cuidado sob os olhares do público que também se entreolha indagativamente dos sentidos das palavras proferidas.

O que de imediato se apreende é que a performer está como se diz no ditado popular “pisando em ovos”. Se a orientação é dela agir com muita concentração, de manter-se em estado de alerta para nem quebrar os ovos e nem se machucar com as cascas quebradas, sente-se por essas atitudes do seu modo de atuar que a interação é delicada e exige um controle de cada gesto, posição, postura, passada, movimento, palavra, a fim de evitar uma fatalidade, problema, conflito que possa desencadear a sua desestabilização. Há como o configurar em ato da heixis da performer com o seu estado de alerta, tomadas estratégicas de cuidados, atitudes decisórias que são adotadas frente ao risco da aleatoriedade quando se é dominado por um sentir insegurança pela incerteza do que pode vir a ocorrer. Esse modo de fazer é partilhado com todos e os sentidos das palavras de ordem ou do papel temático da performance indicam tratar-se de uma situação disfórica que domina a terra e a natureza que habitamos que a performer na travessia nos faz, sentindo os seus sentidos, estesicamente experienciá-los em compartilhamento.

Com o gesto de encarar nos olhos e tocar na mão de uma outra mulher da linha do público também vestida de cores pretas, processa-se uma delegação da artista a esse outro sujeito cuja ação de aceitar o chamado para entrar no retângulo dá continuidade à performance no ato de, com os seus passos lentos, continuar o percurso entre os ovos, ou entre as vidas. Parada, Maiolino segue com o olhar as passadas desse ponto do espaço no qual vai permanecer acompanhando como regente as entradas dos sujeitos performers no retângulo e, nele, os seus deslocamentos.

Figuras 3, 4, 5: A duração das passadas da artista performer pela grande lateral até seu estar sozinha frente aos riscos da travessia do espaço entre os ovos-vidas.



Fonte3:
Fonte 4:
Fonte 5: BA I Agência de Comunicação

O olhar direto no olho do que é tocado pela mão é o chamado do sujeito que convida o outro sujeito a entrar no quadrilátero. Permanecendo nele, cada um em seu direcionamento atravessa com os mesmos cuidados o espaço e o faz com a mesma expressão facial de seriedade e compenetração, com uma postura determinada, até o outro lado, onde repete-se o gesto do convite à participação e esses seguem continuando pelo espaço essa ação no tempo lento de suas passadas. Pouco a pouco, um grupo de pessoas diversas em idade e sexo estão circulando cuidadosamente no centro do paralelepípedo de muitos paralelepípedos. Pela ação das pessoas performantes no ato de passagem da ação a outros que aí estão acompanhando, ocorre a formação de um coletivo que se constituiu diante deles em um fazer que se repete umas vinte vezes até que homens, mais ou menos jovens, e mulheres, mais ou menos jovens, componham o grupo que se reúne num círculo em que os participantes se abraçam e começam juntos a entoar nessa aproximação uma sonoridade que repetem como sons ritualísticos com a finalidade de conduzir a uma mudança de estado de ânimo e de alma. Com a postura equilibrada e olhar

participante, Maiolino que permaneceu postada no centro da margem tudo regendo, ela também está emitindo a sonoridade que integra todos em um coro de conexões.

Figuras 6, 7 e 8: A movimentação dos performes no espaço da Performance *Ka*.



Fontes 6: *Tripadvisor*. Fonte 7: adriano pedrosa (@adrianopedrosa)



Fonte 8: Tatiana Lunardi

As vozes entoando o canto em grupo se voltam para o entorno quando a performer Maiolino profere as seguintes palavras de ordem: *"não!! não!!", "basta*", "chega de violência", *"chega de mortes", "basta as armas", "basta as guerras", "chega de balas perdidas".* E cada participante profere a sua palavra de ordem e, logo, os presentes no entorno proferem também as suas palavras que as proclamam em voz baixa e, depois, em voz mais alta para serem ouvidos, ao mesmo tempo em que escutam os clamores dos demais presentes.

Estar no intervalo de tempo, mas igualmente estar no intervalo do espaço baliza o estar desses sujeitos confrontados com o mundo que descobrem na caminhada pelo retângulo um modo de estar junto por uma causa comum, por um propósito de vida e acabam por sentir-se parte de uma coletividade.

A nomeação performance *Ka* aqui explicita que se trata de uma retomada de um ritual da antiga civilização egípcia. Os sujeitos que acabaram se convergindo para um mesmo ponto, voltam-se do círculo para olhar o entorno e direcionam-se para as margens quando fazem o gesto de erguer para o alto os braços e as mãos em uma espécie de exaltação, de oferta aos que assistem da força regente das vidas, sementes na terra, na natureza que a caminhada *Entrevidas* lhes proporcionou encontrar o sentido caminhando juntos.

Os olhos fixam-se nas margens onde estão as pessoas espectadoras das ações da performance e essas passam de testemunhas a dela participantes. Como o coletivo em

grupo, os que assistem entoam vários clamores: *"basta"; "chega de violência"; "chega de mortes"; "chega de violência"; "chega de mortes", "basta as armas"; "basta as guerras, "chega de balas perdidas", "basta as armas"; "basta as guerras", "chega de balas perdidas", "salve o planeta terra", "salve a natureza"*. O clamor aumenta com os presentes que participam unindo as suas vozes, olhando-se uns aos outros, o que forma uma coletividade e muitos até entram no retângulo para experienciar o andar desviante.

Sobre o calçamento de paralelepípedos, entende-se que a artista performer vestida de preto com seus cabelos brancos traz em seu próprio corpo a oposição cromática da luz clara dos ovos e do escuro das pedras que vivemos como ela propõe em presença compartilhada a descoberta das atitudes a se tomar. A atualização performática de Maiolino e de seu grupo de pessoas actantes da performance sensibilizam os presentes a ir a luta pelo planeta terra, pela natureza, pois, essa ameaça traz muita insegurança, medo e ameaça de fato a vida.

Os que se aglomeram para ver e participam vão sendo tocados pelas ações cuidadosas encenadas nesse fazer performático. As repetições criam a isotopia da formação da coletividade social em luta pelo direito à vida. Esses mostram que é enquanto coletivo que podem transpor a área dos paralelepípedos escuros desviando das centenas de ovos brancos espalhados aleatoriamente e que os forçam a se desviar e, com as precauções, chegar ao ato de salvação. Os observadores vão sendo levados a seguir com os olhos os movimentos de seus corpos e, assim, são convocados a procurar a lógica existencial que rege a distribuição dos ovos-vidas e a se posicionar para a preservação de não importa quais vidas em nosso social. Quando a performance se encerra e muitos da linha de fora vão pouco a pouco adentrar o espaço interno com seus passos lentos sentimos no vão do Masp como o equilíbrio que nos falta ao mover, pode ser alcançado junto. Tocados pelo importar-se pela vida, que cabe a todo o vivente apreende-se que está ao seu alcance a preservação e os cuidados com os ovos-vida, as sementes do planeta terra que carecem de ser coletadas e cultivadas para a preservação das espécies.

Nesse contexto, o caminho arriscado é atravessado por muitas trajetórias e engloba a dos vários caminhantes que se juntaram aos performers para mostrar que a ameaça que vigora tem de ser enfrentada coletivamente, pois é junto que se descobre a força do resistir e combater. E, então, a sonoridade do canto, as palavras, gestos, cinetismos e visualidade continuam se fazendo em cada sujeito que viveu no aqui e agora do vão livre do MASP a performance *Ka.* A oferta é que ela permaneça como um *ressaibo de retrogosto*, e faça-se presença na duração da vida por outras vidas.

O oferecimento desse clamor aos quatros cantos deste espaço emblemático da avenida Paulista que se abre pelas vias da avenida 9 de julho no seu ir e vir que segue para a São Paulo do centro do Anhangabaú dos grandes conflitos urbanos da atualidade da pauliceia e chega até à distante serra da Cantareira e também ecoa para a São Paulo que, do espigão da avenida Paulista, ultrapassa em muito o rio Pinheiros e o rio Tiête, sensibiliza todos os presentes que clamam juntos pelas vidas, pelas sementes, pelo planeta terra, pela natureza. Os braços erguidos e as vozes elevam-se com os participantes interagindo uns com os outros pelo olhar, pelas expressões gestuais e corporais, pela ritmicidade lenta, que fazem viver os sentidos sentidos da construção conjunta da coletividade.

Presença e estesia

Como em toda performance é o corpo do artista que entra em ação na cena que vai se desenrolar diante os sujeitos que mais do que se dirigirem ao MASP para assistir aí estão para fazer parte, como testemunhas dessa ação, mas não só. Na imediacidade da interação, os corpos estão em presença próxima ou muito próxima e essa é contagiosa.

Por essas razões, podemos entender essa performance como uma forma de encorajamento à participação na vida social. A atualização performática de Maiolino e de

seu grupo de pessoas actantes da performance sensibiliza os presentes a lutar pela vida, lutar pela preservação das sementes, mas também das espécies animais, lutar contra toda opressão e cerceamento da liberdade, lutar contra o armamento da sociedade, lutar contra as guerras, lutar em um protesto estésico contagiante contra o armamento da população na sociedade brasileira, mas não exclusivo desta como são estampados nos jornais, mostrados nos telejornais e redes sociais como ocorrências de destruição de vidas no mundo.

Os que se aglomeram para ver e participam vão sendo tocados pelas ações cuidadosas encenadas nesse fazer performático. As repetições criam a isotopia da formação social do coletivo em luta pelos direitos humanos, direito à vida. Esses mostram que é enquanto coletivo que podem transpor a área dos paralelepípedos escuros desviando das centenas de ovos brancos espalhados aleatoriamente e que os forçam a se desviar. Os observadores vão sendo levados a seguir com os olhos os movimentos de seus corpos e, assim, são convocados a procurar a lógica existencial que rege a distribuição dos ovos-vidas e a se posicionar para a preservação de não importa quais vidas em nosso social. Tanto é contagiante que, quando a performance se encerra, muitos de fora vão pouco a pouco adentrando o espaço interno com passos lentos que os vão equilibrando ao se mover importando-se com as vidas que apreendem estar ao seu alcance a preservação e os cuidados.

Nesse contexto, o caminho arriscado é atravessado por muitas trajetórias até, no final, os vários caminhantes se juntarem mostrando que a ameaça que vigora tem de ser enfrentada coletivamente, pois é junto que se ganha força de combate. E, então, as vozes uma a uma se elevam contra as armas que tiram a vida nos conflitos armados da cidade, nas guerras que seivam populações inteiras em várias partes do mundo. Do vão para o mundo, o clamor contagia o público que ergue a voz integrando o coletivo que roga pelo desarmamento, pelo fim dos conflitos armados e dos governos ditatoriais, almejando construir juntos uma sociedade com mais harmonia entre os viventes e o meio ambiente.

O oferecimento desse clamor pela performance Ka ecoa do vão livre do Masp aos quatros cantos deste espaço emblemático da avenida Paulista Paulista e sensibiliza todos os presentes que clamam juntos pela vida social. Os braços erguidos e as vozes elevam-se com os participantes interagindo uns com os outros pelo olhar, pelas expressões gestuais e corporais que fazem viver o sentido da paz como uma construção conjunta da coletividade.

Co-presença e engajamento coletivo

Presença da artista performer, presença dos performers na formação do coletivo, presença da platéia que, em interações diversas, fazem ser a performance *Ka* uma vivência-ação de *Entrevidas* no aqui e agora do vão livre do Masp.

Da ação performática de engajamento destacam-se muitos processos interacionais que são postos em uma dinâmica das ações em ato com suas presenças corpo a corpo que ecoam pelos ares. Da programação do espaço no qual as ações dos sujeitos seguem uma regularidade reiterativa mostrando a vida opressora comandada pelas formas de governo ditatorial impera o efeito patêmico do ter medo e se imobilizar da obediência à submissão servil.

Do interagir na e pela performance com esse estado da atualidade que se concretiza, o público vai se envolvendo sensivelmente a ponto de sentindo os sentidos estesicamente chegar à comoção coletiva que resulta em juntar-se aos gestos de elevação dos braços, acompanhar as vozes que bradam contra a destruição, contra as armas e a guerra que instalam. Esse Ajustamento vai ser basilar para a instalação do regime de Manipulação e embasar o contrato de fidúcia apoiado em que cada um pode ter muito mais do que uma existência controlada pelo medo. O enfrentamento é encorajado por meio de procedimentos fiduciários que fazem sentir a força do atuar coletivo e que essa

união é o ato de resistência que se descobre resistindo. A ultrapassagem ao Regime do Acidente é conclamada. Ontem como hoje a manifestação do coletivo pode ser a transformação que a performance como arte faz sentir a força de estar engajado na luta por um mundo mais justo socioeconômico e cultural.

Marcando que o MASP que cresceu com a reinauguração de 2025 continuará sendo um espaço de integração entre a arte e a sociedade, o museu emblemático de São Paulo reitera com a *Performance Ka* de Maiolino a sua vocação de museu como lugar de convívio, voltado para a vida sociopolítica cultural da população brasileira. Como objetivou Lina Bo Bardi, Maiolino com *Entrevidas* faz ver que esse espaço público democrático é espaço de presença e de co-presença que se constroem e reconstroem em prol de um país que trabalha para não ser uma eterna promessa de um dia vir a ser, mas um fazer ser pela ação engajada de um povo que se pensa e tem a coragem de proclamar a vida em coletividade na praça pública do vão.

Proclamando como Maiolino aos quatro cantos desse auditório eu os convido a repetir o seu clamor: "*vidas", "sementes", "planeta terra", "natureza"*. E, com esse posicionar-se: *"basta"; "chega de violência"; "chega de mortes"; "chega de violência"; "chega de mortes", "basta as armas"; "basta as guerras, "chega de balas perdidas", "basta as armas"; "basta as guerras", "chega de balas perdidas", "salve o planeta terra", "salve a natureza".*

Referências

GREIMAS, Algirdas Julien. *De l'Imperfection*. Périgueux, Fanlac, 1987.(trad. italiana: G. Marrone, Dell'imperfezione, Palermo Sellerio, 1988; trad. espanholola: R. Dorra, *De la imperfección*, México-Puebla: Fondo de Cultura Economica-UAP, 1990.; trad. portuguesa: A. C. de Oliveira, *Da imperfeição*. 2ª edição. Estação das Letras e Cores, 2017.

LANDOWSKI, Eric, *Au risque du sens.* São Paulo, Estação das Letras e das Cores, 2025.

LANDOWSKI, Eric, *Com Greimas. Interações semióticas.* São Paulo, Estação das Letras e das Cores, 2017.

LANDOWSKI, Eric, *Presenças do outro*. Tradução de Mary Amazonas, revisão do autor. São Paulo, Editora Perspectiva, 2002.

OLIVEIRA, Ana Claudia de, "A interação na arte contemporânea". In *Revista Galaxia.* São Paulo, N. 4, 2002. Acessível em:https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1290

OLIVEIRA, Ana Claudia de. "Sentidos do corpo, ou corpos sentidos?". In: ASSIS Silva, I. (ed.), Corpo e Sentido,São Paulo, UNESP, 1996.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. "A dança das ordens sensoriais". In: DORRA, R. et al., *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo, EDUC, 1999.